



NAS ENTRELINHAS DA GINÁSTICA PARA TODOS: REFLEXÕES HISTÓRICAS E SUA DISSEMINAÇÃO NO BRASIL

Resumo - A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é pioneira dentre as entidades esportivas e se destaca pela interessante consolidação de uma prática com perspectiva formativa e de massificação da ginástica: a Ginástica para Todos (GPT). Neste ínterim, esta pesquisa propõe compreender a constituição histórica da GPT atrelada ao seu percurso na FIG, bem como sua inserção e disseminação no contexto brasileiro. Como procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa documental com aporte bibliográfico, com destaque aos documentos federativos oficiais e publicações de estudiosos do campo da ginástica. Os resultados evidenciam que o intuito primário da FIG fora o da massificação das ginásticas, no entanto, essa missão inicial fora influenciada pela retomada dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896. Logo, características das ginásticas competitivas, que caminharam para padronização e codificação das práticas, foram evidentes por décadas. Os eventos ginásticos de massificação que se mantiveram em países europeus, como Alemanha e Suécia, reascenderam a atenção para a ginástica e sua perspectiva para todos, ou seja, para a vida ativa de/para qualquer indivíduo, inculcando na organização – pela FIG – de um evento (*Gymnaestrada*) e, posteriormente, do comitê específico da GPT. No Brasil, a inserção da GPT ocorreu por meio da parceria entre federações estaduais e universidades. Atualmente, seu potencial ainda carece de massificação, ficando esta ação a cargo, quase exclusivamente, do ensino superior brasileiro.

Palavras-chave: história da ginástica; ginástica; ginástica nos Jogos Olímpicos; relação entre FIG e COI.

ABOUT GYMNASTICS FOR ALL: ITS HISTORY AND SPREAD IN BRAZIL

Abstract – The International Gymnastics Federation (FIG) is a pioneer among sports institutions and stands out for an interesting consolidation of a practice with a formative and massification perspective in gymnastics: Gymnastics for All (GPT). In the meantime, this research proposes to understand the historical constitution of GfA by linking its trajectory in the FIG, as well as its insertion and spread in the Brazilian context. As methodological procedures, we use documentary research with bibliographic input, with emphasis on official federative documents and publications by theorists in the field of gymnastics. The results show that the primary purpose of the FIG had been to give opportunity for people to do gymnastics, however, this initial mission had been influenced by the resumption of the Olympic Games of Modern Era, in 1896. Therefore, aspects of competitive gymnastics, which moved towards standardization and codification of the gymnastics, have been evident for decades. Gymnastics events that continued in European countries, such as Germany and Sweden, rekindled attention to gymnastics and its perspective for all, it means, for active life of any human being, instilling in the creation – by FIG – of a mass gymnastics event (*Gymnaestrada*) and subsequently, from a GfA Committee. In Brazil, GfA started to be known through the partnership between federations and universities. Currently, GfA potential still lacks widespread, and this action is almost, exclusively, in charge of Brazilian higher education.

Keywords: history of gymnastics; gymnastics; gymnastics in the Olympic Games; relationship between FIG and COI.

ACERCA DE LA GIMNASIA PARA TODOS: SU HISTORIA Y PROPAGACIÓN EN BRASIL

Resumen - La Federación Internacional de Gimnasia (FIG) es pionera entre las entidades deportivas y destaca por la interesante consolidación de una práctica con perspectiva formativa y masificadora en gimnasia: Gimnasia para Todos (GPT). Mientras tanto, esta investigación se propone comprender la constitución histórica de la GPT vinculada a su trayectoria en la FIG, así como su inserción y difusión en el contexto brasileño. Como procedimientos metodológicos se utilizó la investigación documental, con apoyo bibliográfico, con énfasis en documentos oficiales federativos y publicaciones de estudiosos en el campo de la gimnasia. Los resultados muestran que el propósito principal de la FIG había sido masificar la gimnasia, sin embargo, esta misión inicial había sido influenciada por la reanudación de los Juegos Olímpicos de la Era Moderna, en 1896. Por lo tanto, aspectos de la gimnasia competitiva, que avanzó hacia la estandarización y codificación de prácticas, han sido evidentes durante décadas. Los eventos de masificación gimnástica que han continuado en países europeos, como Alemania y Suecia, han reavivado la atención a la gimnasia y su perspectiva para todos, es decir, para la vida activa de/ para cualquier individuo, inculcando en la organización – por FIG – de un evento (*Gymnaestrada*) e, posteriormente, del comité de GPT. En Brasil, la inserción del GPT se produjo a través de una alianza entre federaciones estatales y universidades. Actualmente, su potencial aún carece de generalización, y esta acción es responsabilidad casi exclusiva de la educación superior brasileña.

Palabras-clave: historia de la gimnasia; gimnasia; gimnasia en Juegos Olímpicos; relación entre FIG y COI.

Priscila Lopes

Universidade Federal
dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri,
Brasil

priscila.lopes@
ufvjm.edu.br

Michele Viviane
Carbinatto

Escola de Educação
Física e Esporte

Universidade de São
Paulo, Brasil

[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v5.id122](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id122)

Recebido: 01 abr 2021

Aceito: 07 jun 2021

Publicado: 15 jun 2021

Introdução

A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é o órgão que administra a ginástica em nível mundial, tendo as seguintes modalidades em seu quadro organizacional: Ginástica para Todos, Ginástica Artística masculina e feminina, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Ginástica Aeróbica, Ginástica Acrobática e *Parkour*¹. Dentre estas, a Ginástica para Todos (GPT), foi admitida pela FIG no final da década de 1970 e teve sua terminologia definida com o objetivo de diferenciar a ginástica sem caráter competitivo daquelas que têm a competição em sua estrutura².

A premissa da GPT perpassa o ensino e a aprendizagem das ginásticas sem especialização em uma aula e/ou sessão que atenda a diversão, os fundamentos gímnicos básicos, a amizade e relacionamento do grupo e o condicionamento físico em prol da vida ativa^{1,3,4,5}.

A literatura brasileira amplia o entendimento sobre a GPT e a descreve como uma prática corporal que, diferente das ginásticas de competição, não possui código de pontuação e é, essencialmente, não competitiva. A ausência de regras rígidas proporciona simplicidade de movimentos, sem excluir elementos ginásticos mais complexos, fator que pode favorecer a participação irrestrita (sem pré-requisitos de biótipo físico e de habilidades prévias), e evidencia o divertimento e o prazer durante a prática. O desenvolvimento de sua prática contempla atividades no campo da ginástica, dança, jogos, teatro, entre outras manifestações corporais, de forma que a liberdade de expressão, a criação e o componente lúdico se tornam elementos acentuados durante a sua aplicação. O praticante é direcionado para a integração interpessoal e intergrupar, propiciando, de forma inevitável, o respeito aos limites e possibilidades individuais dos sujeitos².

A FIG é a única federação esportiva que inclui dentre as modalidades que regulamenta, uma prática com perspectiva não competitiva⁶. E, foi justamente a ausência da competição como aspecto primordial e o rol de características que buscam a promoção de uma prática corporal fundamentalmente inclusiva dentro de uma federação esportiva, que nos fez questionar sobre quais foram os caminhos que levou a FIG a incorporar a GPT dentre as atividades administradas pela instituição e qual a situação desta prática gímnica nosso país.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi compreender a constituição histórica da GPT atrelada ao seu percurso dentro da FIG, bem como sua introdução e disseminação

no contexto brasileiro.

Ressaltamos que este estudo se pautou no método qualitativo, com dados obtidos pelo uso da pesquisa documental e bibliográfica. A pesquisa documental valeu-se de documentos divulgados por entidades esportivas, como a FIG e Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Foram considerados boletins informativos, reportagens-base nos *websites* das instituições, bem como livros comemorativos (100 anos FIG), livros descritivos (*World Gymnaestrada*), dentre outros. Salientamos que a FIG tem a premissa de divulgar aspectos gerais da entidade e suas modalidades por meio de livros descritivos-informativos, aqui considerados.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por artigos publicados com referência à história das ginásticas da FIG e história da GPT. Foram considerados artigos em português, publicados em periódicos, livros e/ou capítulos de livros e artigos em inglês, especialmente, os divulgados pela revista *Science of Gymnastics Journal*.

O estudo sobre o percurso histórico da GPT nos permite compreendê-la como conteúdo da cultura corporal, a qual foi produzida e é modificada constantemente em função dos contextos sociais, econômicos, políticos e epistemológicos vivenciados no decorrer dos diferentes momentos da vida em sociedade⁷.

Trajetória histórica da Ginástica para Todos

A ginástica apresenta um caráter histórico e cultural dotada de valores e crenças que se transformaram ao longo das épocas. Compreender sua concepção permite uma melhor compreensão de como ela é vista atualmente, afinal, resquícios de conceitos passados confirmam ações presentes e direcionam o futuro. Ainda, importante destacar que seu termo esteve intimamente ligado aos termos ‘esportes’ e ‘educação física’, indicando o caráter generalista do movimento ao próprio termo ‘ginástica’⁸.

O termo ‘ginástica’ surgiu na Grécia, inspirado nos ideais clássicos helênicos, e significava exercícios físicos em geral, os quais incluíam corridas, lançamentos, saltos, lutas, entre outros. Para Langlade e Langlade⁸, ginástica se referia a todos os exercícios compreendidos atualmente como aqueles característicos do atletismo e dos esportes.

Somente no início do século XIX que a ginástica, tal como a conhecemos na atualidade, tem sua origem, quando uma sucessão de fatores determinou o surgimento de novas formas de exercícios físicos.

A nova concepção acerca dos exercícios físicos ocorreu após os anos 1800, sendo três daquelas vinculadas à evolução da ginástica, que receberam o nome de Métodos/Escolas Ginásticas e se sobressaíram, sobretudo, na Europa^{9,10}. O Movimento Ginástico Europeu teve como objetivo principal intervir nos modos de ser e viver no sentido de moralizar os indivíduos e a sociedade, estabelecendo a ginástica como parte da educação dos indivíduos. Para tanto, a ciência e a técnica foram utilizadas para fazer desta prática uma ferramenta para obtenção de saúde, formação estética e treinamento de soldados, conferindo a ela a condição de ginástica científica¹⁰.

Foram quatro as Escolas Ginásticas Europeias que se destacaram, as quais homenageiam os países-origem das primeiras sistematizações dessa manifestação: Escola Alemã, Escola Sueca, Escola Francesa e Escola Inglesa⁸.

O representante principal da Escola Inglesa foi Thomas Arnold (1795-1842), no entanto, seu desenvolvimento não seguiu a linha da ginástica, se relacionando de forma mais direta com os jogos, atividades atléticas e esportes. A Escola Alemã teve como principal representante Guts Muths (1759-1839), tendo como seguidor Friederich-Ludwing Jahn (1778-1852). O principal representante da Escola Sueca foi Pehr Henrik Ling (1776-1839) e da Escola Francesa, Francisco Amoros y Ondeano (1770-1848) e Georges Demeny (1850-1917)⁸.

O desenvolvimento das Escolas Ginásticas representou um marco histórico no contexto gímnico, desvinculando da ginástica o conceito abrangente que fazia referência a quaisquer tipos de exercício, (re)estruturando-a em torno daqueles que atendiam aos objetivos específicos de cada Método Ginástico⁹.

A ginástica europeia se construiu como expressão da cultura a partir dos divertimentos populares como os espetáculos de rua e o circo, os exercícios militares e os passatempos da aristocracia. O divertimento constituiu seu núcleo primordial, no entanto, estes foram gradativamente afastados enquanto seus princípios referentes a ordem e disciplina coletiva foram potencializados, afirmando-a como parte da educação dos indivíduos^{11,12}. Desta forma, a abordagem científica fez com que a ginástica fosse perdendo suas características artísticas, lúdicas e de globalidade, conferindo-lhe a potencialidade de ser utilizada para educar o movimento e o corpo¹⁰.

Importante ressaltar que as linhas originais de conduta ginástica não tiveram modificações significativas por cerca de 100 anos⁸. Todavia, houve muita movimentação

no contexto mundial da ginástica durante este íterim, como o surgimento de associações, clubes específicos e federações.

A primeira agremiação de ginástica surgiu na Suíça, em 1832, coincidindo com o momento em que a prática gímnica fora proibida na Alemanha. A partir de 1860, vários países também iniciaram suas organizações em Federações, quais sejam: 1860 na Alemanha, denominada *Deutsche Turnerschaft*; 1865 na Bélgica; 1867 na Polônia; 1868 na Holanda e 1873 na França, denominada União de Sociedades de Ginástica na França¹³.

Estas ações abriram o caminho para o surgimento da FIG², o qual ocorreu a partir do projeto de Nicolas Cupérus^{2,13-16}, um homem adepto aos tradicionais valores do *Turnen*, ginástica desenvolvida na Alemanha no início do século XIX¹⁵, e que dedicou sua vida à Educação Física¹³.

Os alemães rejeitavam a esportivização por acreditarem que os princípios da competição, da performance e do recorde, não eram somente inúteis e fúteis, mas também um risco de lesão e excesso de esforço¹⁵. Desta forma, ao invés de valorizar a performance individual, Cupérus prezava por uma prática para todas as habilidades e níveis e buscava criar um movimento universal que propagasse uma visão de bem-estar, promoção da atividade física e da linguagem corporal¹⁴.

Em 1881, Cupérus organizou um Festival Federal de Ginástica na Bélgica convidando representantes de diversas federações nacionais europeias para participarem. Foi neste evento que a FIG foi criada, a partir da fundação do Comitê Permanente de Federações Europeias de Ginástica, denominado também como Federação Europeia de Ginástica, a qual, em 1921, adotou a nomenclatura ‘Federação Internacional de Ginástica’ utilizada até hoje como nome oficial da instituição que administra a ginástica em nível mundial¹³.

Os primeiros países a se filiarem à FIG foram França, Holanda e Bélgica¹⁷. No período do seu surgimento, a instituição tinha como responsabilidade promover o intercâmbio entre os diferentes métodos de ginástica. Para tanto, foram organizados uma série de festivais atléticos internacionais, nos quais os clubes de ginástica do país anfitrião convidavam clubes de outras nações para participarem e compararem seus métodos de ensino, exercícios e desempenhos. Não se tratava de competições entre atletas de elite, mas eventos que incluíam demonstrações de ginástica em grupos formados por homens e mulheres de todas as idades e habilidades. Também eram realizados desfiles, nos quais

os clubes participantes faziam exposições culturais, celebrando suas nacionalidades¹⁶. O que os representantes da FIG pretendiam, era a simples criação de um grupo de estudos e de uma comunidade de interesses².

Da relação entre a Federação Internacional de Ginástica e o Comitê Olímpico Internacional

Após algum tempo de desenvolvimento destes festivais pela FIG, Porsey¹⁶ cita o surgimento da proposta de retomada dos Jogos Olímpicos envolvendo diferentes esportes, liderada por Pierre de Coubertin. O plano de recriação dos Jogos Olímpicos foi apresentado por Coubertin no ano de 1894 e trazia uma ideia de promover uma competição esportiva com caráter educativo, baseada nos Jogos Olímpicos gregos, realizada de forma permanente e em âmbito internacional¹⁸.

Os líderes da ginástica não apreciaram a ideia olímpica de Coubertin argumentando que as competições eram muito elitistas e que concorriam diretamente com os eventos realizados pela FIG. No entanto, tais preocupações não foram adequadamente debatidas antes da primeira edição dos Jogos Olímpicos em 1896, cujo qual a FIG decidiu boicotar sem muito sucesso, pois ginastas de alguns países não aderiram ao boicote e competiram, finalizando a competição individual geral com os 18 primeiros lugares para os franceses, estando entre eles dois Algerianos. Os ginastas que participaram do primeiro Jogos Olímpicos ficaram marcados como os '*Black Turners*' e tiveram uma fria recepção ao retornarem aos seus países^{15,16}.

A partir da primeira edição dos Jogos Olímpicos, se estabeleceu um desacordo entre a FIG e o Comitê Olímpico Internacional (COI), que durou até a década de 1920¹⁶.

Em 1897, a instituição já contava com 17 países membros. Com a intenção de desenvolver-se cada vez mais, a FIG propôs cinco objetivos aos países membros: 1) o compartilhamento de publicações e documentos oficiais; 2) diretrizes sobre convites; 3) demissão de qualquer membro que perseguisse fins religiosos ou políticos; 4) proibição de ginastas profissionais; 5) organização de competições internacionais. O quinto objetivo, único não aprovado de forma unânime, foi o grande responsável por findar o ideal de Cupérus que se opunha veementemente à organização de competições¹⁴⁻¹⁷, defendendo uma concepção de ginástica essencialmente recreativa, instrutiva, que evitava todas as formas de competição e que fosse acessível a todos, claramente descrita em seu

relatório da época: “[...] meu ideal permanece inalterado e eu sonho com o dia em que as competições serão supérfluas, quando as/os ginastas competirem pelo seu próprio esforço, o equivalente exato em saúde, flexibilidade, tenacidade (s/p., tradução nossa)”¹⁷.

Cupérus parecia pressentir que a ginástica estava começando a ser tratada como esporte, porém não conseguiu reverter tal tendência. Permaneceu na presidência da FIG até 1924¹³, sendo substituído pelo francês Charles Cazalet^{16,17}, uma das pessoas que se manifestaram pró-competição e que solicitou uma competição em nível mundial em um congresso de ginástica realizado em 1898, resultando no primeiro torneio internacional da FIG, realizado na Bélgica em 1903, reconhecido atualmente como o primeiro Campeonato Mundial^{16,17}.

O trabalho conjunto entre a FIG e o COI foi inevitável, mesmo que tenha ocorrido de forma turbulenta. Nos Jogos de 1912, de forma não oficial, a FIG controlava as competições de ginástica e negociou com o Comitê Olímpico Internacional que o programa fosse dividido em competições e demonstrações, sendo neste último incorporado apresentações de grupo de mulheres fantasiadas, realizando movimentos coletivos e de dança, dentre outras características. Já em 1920, a FIG obteve o controle oficial da ginástica olímpica (atual Ginástica Artística), realizando seus Campeonatos Mundiais a cada quatro anos no período entre os Jogos Olímpicos¹⁶.

É interessante verificar que, mesmo com toda a clara divergência entre a competição esportiva proposta pelos Jogos Olímpicos de Coubertin e a ginástica não competitiva defendida por Cupérus por meio dos festivais, os princípios norteadores para os projetos de ambos os idealizadores se pautavam na educação e no desenvolvimento humano.

Pierre de Coubertin era educador, pensador e historiador quando se dedicou a reorganizar os Jogos Olímpicos no final do século XIX. Tomando como base os rituais da Grécia antiga, Coubertin desejava ressaltar os aspectos pedagógicos do esporte, tendo como preocupação fundamental valorizar a competição leal e sadia, o culto ao corpo e à atividade física, em detrimento da conquista de marcas e quebra de recordes¹⁸. Incorporou ao ideário olímpico a noção de comportamento cavalheiresco no esporte, o qual serviu de referência para discutir o conceito de *fair play* que pressupõe uma formação ética e moral dos envolvidos com a competição (atletas, técnicos, espectadores, dirigentes etc.), abolindo as formas ilícitas em busca da vitória. Para Coubertin, o vencer a qualquer custo

desencadeava a obsessão pela competição e, conseqüentemente, causava no competidor sentimentos negativos como inveja, vaidade e desconfiança, além de difamar a imagem do esporte¹⁹.

Cupérus, por sua vez, era considerado um humanista e homem visionário, cujo ideal foi reunir pessoas em torno dos princípios da ginástica envolvendo a solidariedade, a tolerância e o bem-estar. Idealizava uma ginástica para todos, para homens e mulheres de todas as origens e gerações. Acreditava que ser ativo poderia ser o caminho mais eficaz para o desenvolvimento pessoal e cultural, promovendo o bem-estar a longo prazo¹⁴.

Coubertin e Cupérus poderiam ter seus caminhos cruzados se a competição não fosse um impasse entre eles¹⁴. Neste embate, Cupérus teve que ceder para uma maioria que pensava de forma diferente, tendo feito a famosa declaração: “Eu admiro a derrota e aceito a humanidade e as coisas desta vida como elas são (s/p., tradução nossa)”¹⁷.

Da afirmação da ginástica como prática para todos

Os ideais de Cupérus não foram totalmente esquecidos. A literatura cita que a ideia de um festival de ginástica sem fins competitivos ressurgiu em 1939 na Suécia, denominado *Lingíada*, nome atribuído para comemorar o centenário da morte de Pehr Henrik Ling, criador do Método Sueco de Ginástica. A segunda e última edição deste evento se deu em 1949, após 10 anos de intervalo imposto pela Segunda Guerra Mundial^{2,20,21}.

Com maior número de participantes que os Jogos Olímpicos, a *Lingíada* visava melhorar as condições de Educação Física para a população em geral, transmitindo formas estéticas e pedagógicas de ginástica. Qualquer tipo de competição fora abolido do evento com intuito de atrair uma visão mais positiva e humana de acordo com o moderno conceito social de Educação Física da época³.

A primeira *Lingíada* deu início às influências recíprocas e universalização dos conceitos ginásticos que promoveram uma fusão entre os sistemas, tendo sido uma oportunidade para os pedagogos especialistas em ginástica observarem, compararem e discutirem as diferentes escolas, sistemas, métodos e linhas que apresentaram. Ademais, foi também neste mesmo evento que a relação esporte-ginástica, após várias etapas de divergências, foi intensificada, entrando em uma fase de mútua compreensão, utilização e assimilação dos valores de cada manifestação. Na segunda *Lingíada*, em 1949, a

influência do esporte na ginástica se manifestou de forma ainda mais contundente⁸.

Inspirado nas *Lingíada*, o holandês Johanes Heinrich Fraçois Sommer, um dos fiéis sucessores de Cupérus, incentivou a FIG a organizar em 1953, na cidade de Rotterdam (Holanda), o primeiro festival internacional de ginástica sem fins competitivos, denominado *Gymnaestrada*. A partir disso, a FIG redescobriu o espírito de Cupérus¹⁷ e começou a dar maior atenção à esfera não competitiva da ginástica, se tornando a primeira federação esportiva a promover eventos recreativos de uma modalidade^{2,21}.

O estudo de Ayoub² se dedicou a compreender a GPT a partir de observações sistemáticas e assistemáticas em festivais da modalidade e entrevistas com dirigentes, professores e ginastas de diferentes localidades, os quais têm colaborado para o desenvolvimento da GPT em nível nacional e internacional. A autora explana que o Professor Olof Kihlmark da Suécia, membro do Comitê Técnico de GPT da FIG em 1995, afirmou que representantes de vários países da faixa central da Europa pressionaram de forma intensa a FIG, no final da década de 1960, com o objetivo de ampliar o olhar da instituição para a ginástica não competitiva, fato que culminou na década seguinte a criação de uma Comissão de Trabalho de GPT que, posteriormente, se tornou o referido comitê.

Desta forma, entre o final da década de 1970 e início da de 1980, a Ginástica Geral, antiga denominação da GPT, é finalmente admitida como atividade de ginástica e incorporada ao quadro da FIG, a qual passa a regulamentar sua prática e organizar, a cada quatro anos, a *Gymnaestrada* Mundial, evento que reúne pessoas de diferentes países em que, independentemente de faixa etária e habilidades técnicas e físicas, apresentam sua forma de praticar ginástica por meio de composições coreográficas, numa grande confraternização^{2,4,21}.

O Professor Jean Willisegger da Suíça e membro do Comitê Técnico de GPT da FIG em 1995, destacava a dificuldade em propor uma terminologia que expressasse a ginástica em geral, em suas bases, diferente da ginástica esportivizada e associada a competição. O termo Ginástica Geral foi escolhido por permitir a compreensão de todos e por sua possibilidade de tradução para diferentes idiomas de forma simplificada². No entanto, em 2007, a FIG adotou a nomenclatura GPT no lugar de Ginástica Geral justificando o fato da nova denominação possibilitar o entendimento imediato do que a

modalidade representa, deixando claro que se refere a uma ampla gama de atividades destinadas para todas as idades, habilidades, gêneros e culturas^{5,22}.

Não poderíamos deixar de elucidar que, desde 2009, a FIG organiza um evento de GPT com caráter competitivo. Denominado *World Gym for Life Challenge (WGfL)*, o evento é quadrienal e credita premiações aos grupos. Estes recebem medalha de ouro, prata ou bronze, a depender da pontuação dos critérios que mensuram a composição de um a cinco pontos nos quesitos entretenimento; inovação; originalidade e variedade; técnica; qualidade e segurança; impressão geral. Os grupos participam de concursos em categorias: ginástica e dança em pequenos grupos (20 ou menos ginastas); ginástica e dança em grandes grupos (21 a mais ginastas); ginástica com ou em grandes equipamentos em pequenos grupos; ginástica com ou em grandes equipamentos em grandes grupos¹.

A FIG não retrata o evento como uma competição, ao invés disso, o denomina como um concurso e recorrentes encontros e questionamentos sobre a proposta do evento são colocadas em pautas nos Colóquios da GPT (2018; 2019) organizado pela instituição. De qualquer maneira, parece-nos prudente que esse evento e seus viés classificatório seja atualizado nas pesquisas da GPT, corroborando com Bezerra, Gentil e Farias⁶.

A Ginástica para Todos no Brasil

Em território nacional, a ginástica chegou ao Brasil por meio da imigração alemã no início do século XX^{9,20}. Na segunda metade do referido século, quando os alemães já haviam superado a fase inicial de colonização, as relações sociais se intensificam, dando início a organização de agremiações no sentido de preservar a identidade da nação proveniente²³. É no Rio Grande do Sul que se iniciaram os primeiros movimentos festivos de ginástica, sendo realizado um festival no ano de 1895 com o intuito de dar continuidade ao movimento ginástico alemão²⁰.

O Método Alemão se torna o método oficial do exército brasileiro em 1860, e é substituído pelo Método Francês em 1912. Na esfera educacional, Rui Barbosa, a princípio, preferiu o Método Sueco, obrigando a prática de ginástica nos diferentes níveis escolares⁹.

O Regime Militar instaurado em 1964 fortaleceu o conceito de esporte, promovendo fortemente a ideia de ginástica competitiva e despertando o interesse de

instituições escolares e clubes esportivos. O sucesso internacional do esporte em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos influenciou uma postura competitiva na sociedade em geral, atingindo também a forma como a ginástica era concebida. A literatura esclarece que os sucessos obtidos por equipes brasileiras de futebol, basquete e tênis em competições internacionais afirmaram, de forma mais contundente, os esportes competitivos no Brasil, fazendo com que os esforços para criar e manter grupos de GPT brasileiros não fossem suficientes, evidenciando a ginástica competitiva, principalmente as ginásticas Artística e Rítmica, como aquelas mais difundidas no contexto nacional^{20,24}.

Em 1978, a CBG é criada desvinculando a ginástica da Confederação Brasileira de Desportos^{2,13,20,25}.

Embora a esfera competitiva tenha sido privilegiada pela CBG em seus primeiros anos de atuação, a instituição estabeleceu uma parceria com a Escola Técnica Federal de Ouro Preto, promovendo o Festival de Ginástica e Dança, denominado FEGIN, em 1981. A princípio, o festival foi agregado à um campeonato de Ginástica Rítmica, mas este pode ser considerado o primeiro festival nacional de GPT, tendo sido realizadas sete edições no total. Nele, foram apresentadas coreografias de dança, Ginástica Rítmica, *tumbling* de solo e séries em aparelhos de Ginástica Artística^{20,26}.

Somente em 1986 é oficializado o Comitê Técnico de Ginástica Geral na CBG, fazendo com que a GPT tivesse mais atenção no Brasil^{2,5,20,22}.

Dentre as propostas da entidade para estimular a prática da modalidade neste início, houve a tentativa de oportunizar a participação de grupos brasileiros na 8^a *Gymnaestrada*, realizada em 1987 em Hering (Dinamarca), por meio do envio de convites a clubes, universidades e escolas, explicando as especificidades do evento. Mesmo com a participação de apenas uma ginasta brasileira devido a uma crise financeira no país, gestores da época consideraram que tal ação foi um avanço no que tange a democratização e acesso a GPT²⁶.

Vale ressaltar que o Brasil já havia participado de edições anteriores da *Gymnaestrada*: 1957 em Zagreb (Iugoslávia); 1965 em Viena (Áustria); 1969 em Basiléia (Suíça); 1975 em Berlim (Alemanha); 1982 em Zurique (Suíça). Todas essas participações foram compostas apenas por grupos do estado do Rio de Janeiro, provavelmente pelo fato da Confederação Brasileira de Desportos ter sede nesta região. Também se destaca a participação de uma grande maioria de grupos de Ginástica Rítmica,

modalidade disseminada pela professora Ilona Peuker, de nacionalidade europeia, mas que morava no Rio de Janeiro²¹.

O que parece ter ocorrido foi uma melhor difusão do evento no contexto nacional a partir do estabelecimento do Comitê Técnico de Ginástica Geral na CBG, o qual passou organizar de forma sistematizada as informações sobre as possibilidades de participação nas *Gymnaestradas* Mundiais.

Em 1991, a delegação brasileira participou da *Gymnaestrada* de Amsterdam (Holanda) com a presença de ginastas de várias partes do país²¹. A quantidade de participantes e qualidade das apresentações impactou a FIG de tal forma que no evento seguinte, realizado em 1995 na cidade de Berlim (Alemanha), o Brasil conquistou a primeira ‘Noite Brasileira’ no evento^{21,26}. Desde então, o Brasil esteve nas demais edições do evento com a participação de grupos de diferentes estados²⁷.

De volta as ações realizadas no contexto nacional, destacamos que, atualmente, a estrutura organizacional federativa e confederativa da ginástica no Brasil demonstra que a CBG possui uma constituição bastante semelhante à da FIG. O Estatuto da CBG se propõe, dentre outras funções, promover a realização de eventos em diferentes campos, tais como campeonatos, festivais, cursos, pesquisas, intercâmbios, entre outras ações que tenha como objetivo desenvolver e promover a ginástica brasileira em todos os níveis de prática e de forma igualitária entre as ginásticas competitivas e a GPT²⁵.

No entanto, estudos identificam problemas de gestão na CBG que impactam diretamente o desenvolvimento da totalidade das ginásticas, destacando um claro distanciamento especificamente com a GPT^{25,26}. O que se observa é uma política nacional substancialmente direcionada para o esporte de alto rendimento que se reflete claramente nas ações da CBG e das federações estaduais²⁶.

Em relação a ações formativas, nos anos de 1988 e 1989, tendo à frente da presidência da CBG um professor universitário, foi organizado um primeiro curso de formação, denominado ‘Curso Internacional de Ginástica Geral’, que objetivava difundir a modalidade a partir da capacitação de técnicos, mas após a troca do presidente da entidade, este evento foi interrompido. Em 2003, promoveram, em edição única, o ‘Fórum Internacional de Ginástica’, composto por mesas temáticas, minicursos, apresentação de trabalhos científicos e um festival, além de contar com figuras importantes no cenário internacional da GPT, incluindo membros do comitê da FIG²⁶.

Embora não organizado pela CBG e nem realizado no Brasil, outro evento de formação que se destaca é o ‘Fundamentos da Ginástica’ organizado pela FIG ACADEMY PROGRAM. Patricio, Bortoleto e Toledo²⁶ identificaram que, a partir de 2012, a CBG solicitou a FIG um maior número de vagas para a participação de especialistas brasileiros neste curso, obtendo um aumento de forma significativa quantidade de pessoas com essa formação que atuam com a GPT no país.

No que tange a promoção de festivais, o ‘Festival Gym Brasil’ é o único evento de GPT realizado pela CBG na atualidade, o qual ocorre em parceria com alguma federação estadual^{20,28}. Criado em 1992 para substituir o FEGIN, o festival também faz parte de uma das etapas do processo de credenciamento de grupos brasileiros para participarem da *Gymnaestrada*²⁶. No entanto, este festival deveria ser realizado anualmente desde sua criação, mas até 2019 – o que equivale a 27 anos – foi realizado de forma efetiva somente 12 vezes^{20,28}.

Ressaltamos ainda que dentre as 24 federações estaduais filiadas a CBG até o ano de 2019, apenas quatro possuíam um comitê de GPT²⁶, fato que pode indicar uma deficiência nas ações de promoção da modalidade não só em âmbito nacional, como também no estadual.

Logo, é possível que o crescimento da GPT em nível nacional não tenha como responsável principal as ações desenvolvidas pela CBG e suas respectivas federações. Estudiosos apontam que a gestão confederativa da ginástica em nosso país parece limitar suas responsabilidades com a GPT quase que exclusivamente com a organização da delegação brasileira para a participação na *Gymnaestrada*, a qual acontece a cada quatro anos^{2,21,26}, o que claramente não é suficiente para a efetiva massificação da modalidade²⁵, ficando tal função a cargo de atividades realizadas por outras instituições.

Patricio, Bortoleto e Carbinatto²⁰ apontam que a organização de festivais de GPT só foi intensificada no Brasil nos últimos 20 anos (2016 como ano de referência). Os autores destacaram 26 eventos nacionais que apresentaram a GPT como prática gímnica principal e, neste quantitativo, percebe-se, por meio dos nomes dos festivais citados na pesquisa, que 10 deles foram organizados e/ou oportunizados por instituições de ensino superior (IES) (ou em parcerias com estas).

Tais dados corroboram a percepção de Toledo²⁹ que, desde o início do século XXI, já apontava o papel das IES no fomento da prática de GPT em nível nacional por meio

das faculdades de Educação Física. Diferente de outros países, principalmente os europeus que divulgam a modalidade a partir de agremiações, associações e pela *Gymnaestrada*, no Brasil, a universidade se apresenta como o maior espaço de desenvolvimento desta modalidade^{6,26,30-32}.

Algumas características do âmbito acadêmico propiciam um cenário de divulgação e aplicação da GPT, quais sejam: formação inicial de professores a partir de componentes curriculares com conteúdos gímnicos; incentivo a pesquisa neste campo de conhecimento por meio de grupos de estudos envolvendo alunos de graduação e pós-graduação; projetos que disseminam a prática de ginástica dentro e fora da instituição; promoção de festivais internos, cursos, oficinas, congressos, intercâmbios, dentre outros²⁹.

Dentre os festivais organizados por IES citados no estudo de Patrício, Bortoleto e Carbinatto²⁰, evidenciamos aqueles realizados dentro da programação do Fórum Internacional de Ginástica Para Todos (FIGPT), sistematizado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC) e a *International Sport and Culture Association* (ISCA).

Realizado desde 2001, o evento acontece bianualmente reunindo grupos, palestrantes e congressistas de vários países com ações em três distintos eixos: Científico (conferências, mesas temáticas e apresentação de trabalhos científicos em formato de pôster, fotografias ou vídeo); Pedagógico (cursos, mostras, oficinas para escolares e capacitação de professores de diferentes setores sociais); Artístico (festivais e tenda livre)³³.

Além da participação de IES nos eixos Científico e Pedagógico, destaca-se a presença significativa no eixo Artístico com a participação de grupos de prática universitários que apresentam suas produções coreográficas desenvolvidas no seio da academia. Para exemplificar, citamos dados dos Anais do FIGPT que, a partir da edição de 2012, passaram a publicar os nomes dos grupos de GPT que se apresentavam nos festivais do evento. Identificamos a participação de 27 grupos de oito estados representativos de todas as regiões brasileiras (Ceará; Espírito Santo; Goiás; Mato Grosso; Minas Gerais; Pará; Paraná; São Paulo) que se apresentaram nos festivais do FIGPT das edições de 2012, 2014, 2016 e 2018 deste evento³³⁻³⁶.

Porém, mesmo com o envolvimento de tantas IES no desenvolvimento da GPT em nível nacional, até mesmo com docentes universitários ocupando cargos de gestão na CBG, sua consolidação ainda é tímida no contexto federativo brasileiro²⁶. Fato que pode ser confirmado pela tendência de estudos sobre esta prática corporal no contexto pedagógico, em especial, trabalhos voltados para a área escolar e para a formação e atuação profissional no ambiente universitário³⁷.

Dentre as publicações sobre a GPT no espaço acadêmico, verifica-se uma série de estudos que dissertam sobre diferentes aspectos e impactos de ações que colaboram sobremaneira para a ampliação e aperfeiçoamento de práticas pedagógicas neste campo de conhecimento, tais como: aspectos da extensão universitária na formação discente³⁸⁻⁴¹; possibilidades da GPT em abordagens educacionais interdisciplinares⁴²; a relação da GPT com princípios da pedagogia freiriana⁴³; as preferências de discentes em componentes curriculares de GPT⁴⁴; o processo de construção coreográfica desenvolvido por grupos universitários⁴⁵⁻⁴⁷; a história, concepção e metodologia de trabalho de grupos de prática universitários⁴⁸⁻⁵¹, etc.

Tal constatação é de suma importância, pois apesar das federações esportivas promoverem formações continuadas que contribuem para a atuação no campo gímnico (como a formação de árbitros, por exemplo) e profissionais de áreas diversas constituírem a equipe multifuncional que acompanha praticantes de modalidades ginásticas (fisioterapeutas, psicólogos e nutricionistas), são os licenciados e bacharéis em Educação Física aqueles habilitados para desenvolver a prática da ginástica, incluindo a GPT, em todos os ambientes e contextos nacionais⁶.

Desta forma, acreditamos que experienciar a GPT na formação inicial do professor de Educação Física por meio das mais variadas ações é pertinente e urgente no sentido de promover e massificar a prática desta modalidade em nosso país.

Considerações finais

Diante do exposto, percebe-se que, enquanto modalidade estabelecida e regulamentada pela FIG, a GPT se caracteriza como uma expressão contemporânea da ginástica, tendo sido reconhecida oficialmente pela referida instituição no final da década de 1970. No entanto, o percurso histórico descrito neste estudo nos permite admitir que sua manifestação é anterior a data de seu registro, sendo seus ideais originários de uma

época que antecede à própria FIG. Logo, consideramos que a história da concepção da GPT e do surgimento da FIG se fundem, fazendo com que ambas, modalidade e instituição que a regulamenta, se configurem como fenômenos indissociáveis.

Um dos pontos mais evidentes neste regate histórico, foi a disparidade histórica inicial e constituinte da FIG entre dois modelos de ginástica que se diferenciam em relação à ação de competir. Parece-nos que o viés competitivo, intensificado nas demais modalidades ginásticas, as afastaram da premissa e do seu potencial de prática a todos os indivíduos, sobretudo, como possibilidade para vida ativa e, conseqüentemente, ampliação de campo de trabalho aos profissionais envolvidos ao ensino dessa prática, preocupação essa relatada pelo fundador da instituição. A retomada e valorização dada a GPT e os eventos preconizados parecem ir na contramão dos sistemas e associações esportivas mais hegemônicos mundialmente.

Roble⁵² acredita que o campo de conhecimento ginástica se encontra em uma zona de tensão entre dois modelos. De um lado, temos uma forma utilitária originária do processo de sistematização europeia no século XIX; do outro, temos o desejo de uma prática livre, criativa e expressiva, símbolo de uma relação contemporânea entre o movimento e o corpo, referindo-se aqui, a GPT. Ora, se tem sido comum indicamos a superação de dicotomias nas reflexões sobre o esporte, porque não pensarmos uma certa pluralidade da FIG no trato com a ginástica e seus possíveis eventos?

Ainda que as assertivas do COI influenciaram a FIG a relevar a prática para todos, os discursos contemporâneos vinculados aos esportes em geral e, por sua vez, em ambas as instituições, preconizam a prática para um maior número de pessoas, subsidiados por discursos sociais, sanitários, educacionais, políticos e filosóficos. Os princípios do direito de todos ao acesso ao esporte, a inclusão, a importância da vida ativa, as ampliações de amizade e conagração entre pessoas e nações, enfim, ao ‘Olimpismo’ como filosofia de vida e intrínseco aos princípios éticos universais, parecem ser o eixo-central entre aqueles que defendem o esporte, seja ele do alto rendimento e suas premissas competitivas, seja ele do formativo e suas premissas da participação.

Por fim, verifica-se que a disseminação da GPT no Brasil foi tardia e ainda ocorre de forma deficitária. Ademais, as IES têm se destacado na massificação e no processo de formação inicial e continuada de professores de Educação Física habilitados para o

desenvolvimento da prática de GPT, principalmente no que tange a produção científica que aborda aspectos importantes para a atuação profissional.

Referências

- 1 International Gymnastics Federation. About [citado 1 mar 2021]. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/about.php>
- 2 Ayoub E. Ginástica geral e educação física escolar. Campinas: UNICAMP; 2003.
- 3 Carbinatto MV, Bortoleto MAC. World Gymnaestrada: a non-competitive mass sports festival. *Annals of Congress International Convention on Science, Education and Medicine in Sport (ICSEMICS)*; 2016; Santos, São Paulo.
- 4 International Gymnastics Federation. *Foundations of Gymnastics*. Saskatoon: Ruschkin publishing; 2010.
- 5 Toledo E, Tsukamoto MHC, Carbinatto MV. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA M, organizadora. *Fundamentos das ginásticas*. Várzea Paulista: Fontoura; 2016. p. 21-48.
- 6 Bezerra LA, Gentil RN, Farias GO. A Ginástica Para Todos na formação inicial: do contexto histórico a produção do conhecimento. *Pensar a Prática*. 2015;18(3):739-751.
- 7 Oliveira MS, Nunomura M. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. *Conexões*. 2012;10(especial):80-97.
- 8 Langlade A, Langlade NR. *Teoria General de La Gimnasia*. Buenos Aires: Stadium; 1970.
- 9 Soares CL. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados; 2004.
- 10 Soares CL. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX*. Campinas: Autores Associados; 2002.
- 11 Soares CL, Madureira JR. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. *Movimento*. 2005;11(2):75-88.
- 12 Soares CL. Notas sobre a educação no corpo. *Educar*. 2000;16:46-60.
- 13 Brochado FA, Brochado MMV. *Fundamentos de Ginástica Artística e de Trampolins*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.
- 14 Grandi B. 130 years of FIG: letter from fig president prof. Bruno Grandi. *Science Of Gymnastics Journal*. 2011;3(3).
- 15 Parrish C, Nurigth J. *Sports around the world: history, culture, and practice*. Santa Barbara: ABC-CLIO; 2012.
- 16 Porsey C. *II Olympiad: Paris 1900 (The Olympic Century Book 3)*. Toronto: Warwick Press Inc.; 2015.
- 17 International Gymnastics Federation. History. citado 1 mar 2021]. Disponível em: <http://www.fig-gymnastics.com/site/about/federation/history>
- 18 Rubio K, O fair-play como valor ético do esporte e sua relação com a ética na Psicologia: haveria alguma diferença? *Anais do Simpósio Internacional de Psicologia do Esporte*; 2001 São Paulo, Brazil. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2001.
- 19 Rubio K, Carvalho A. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciências do Desporto*. 2005;3(3):350-357.
- 20 Patricio TL, Bortoleto MAC, Carbinatto MV. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2016;30(1):199-

216.

21 Souza E. *Ginástica Geral: Uma Área do Conhecimento da Educação Física* [tese]. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas; 1997. 163 p.

22 Santos JCE. *Ginástica Para Todos: elaboração de coreografias e organização de festivais*. Jundiaí: Fontoura; 2009.

23 Mazo J, Gaya A. As associações desportivas de Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto brasileira. *Revista Brasileira de Ciências do Desporto*. 2006;6:205-2013.

24 Carbinatto MV. *Ginástica: compreender para implantar!* *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2016;9(9):47-53.

25 Carbinatto MV, Toledo E, Massaro IF. Estrutura e organização da Ginástica para Todos. In: Oliveira MF, Toledo E, organizadoras. *Ginástica Para Todos: possibilidades de formação e intervenção*. Anápolis: Editora UEG; 2016. p. 43-68.

26 Patricio TL, Bortoleto MAC, Toledo E. Institucionalização da Ginástica Para Todos no Brasil: três décadas de desafios e conquistas (1988-2018). *Revista Pensar a Prática*. 2020;23.

27 Paoliello E, Bortoleto, MAC; Schiavon L, Fiorin-Fuglsang CM. O perfil da delegação brasileira na World Gymnaestrada de Lausanne/Suíça-2011. *Conexões*. 2012;10(especial):209-222.

28 Confederação Brasileira de Ginástica. Regulamento Técnico 2019: *Ginástica Para Todos* citado 1 mar 2021]. Disponível em: https://www.dropbox.com/sh/onmt5ws14kpfeae/AAAv7L8NxleFDioYe8gOd_ufa?dl=0&preview=Regulamento+GPT+-+Gym+Brasil.pdf

29 Toledo E. O papel da universidade no desenvolvimento da ginástica geral no Brasil. Campinas. 2005. III Fórum Internacional de Ginástica Geral; 2005 Aug 19-28; Campinas, Brazil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

30 Graner L, Paoliello E, Bortoleto MAC. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: Bortoleto MAC, Paoliello, P (org). *Ginástica para todos: um encontro com a coletividade*. Campinas: UNICAMP; 2017. p. 165-198.

31 Pinheiro WC, Matos LS. *Ginástica para Todos: educação, lazer e saúde na Amazônia*. *Corpoconsciência*. 2020;24(1):108-121.

32 Toledo E, Silva PCC. A Ginástica para Todos e suas territorialidades. *Corpoconsciência*. 2020;24(1):71-82.

33 Schiavon LM, Toledo E, Ayoub E, Paoliello E. Uma edição comemorativa: 15 anos de fórum. VIII Fórum Internacional de Ginástica Para Todos; 2016 Oct 13-16; Campinas, Brazil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.

34 Bortoleto MAC, Toledo E, Ayoub E, Paoliello E. *Ginástica: movendo pessoas, construindo cidadanias*. *Anais do VII Fórum Internacional de Ginástica Geral*; 2014 Oct 15-18; Campinas, Brazil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

35 Toledo E, Ayoub E, Bortoleto MAC, Paoliello E. *Esporte para todos: as dimensões da formação em ginástica*. VI Fórum Internacional de Ginástica Geral; 2012 Jul 5-7; Campinas, Brazil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012.

36 Toledo E, Schiavon LM, Ayoub E, Paoliello E, Bortoleto MAC. *Ginástica em rede, possibilidades para todos*. IX Fórum Internacional de Ginástica Para Todos; 2018 Oct 18-21 Campinas, Brazil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2018.

37 Carbinatto MV, Moreira WW, Chaves AD, Santos SP, Simões RR. Campos de atuação em ginástica: estado da arte nos periódicos brasileiros. *Movimento*. 2016;22(3):917-928.

- 38 Bahu LZ, Carbinatto MV. Extensão universitária e ginástica para todos: contribuições à formação profissional. *Conexões*. 2016;14(3):46-70.
- 39 Leles MT, Nakatani LZC, Souza SG, Lopes LT, Viollati Neto O, Monteiro TS. Ginástica Para Todos na extensão universitária: o exercício da prática docente. *Conexões*. 2016;14(3):23-45.
- 40 Lopes P, Fátima CR. A prática de ensino no projeto de extensão “Ginasticando”: uma possível ferramenta para compreensão do saber ensinar Ginástica. *Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM*. 2012;2:1-17.
- 41 Sargi AA, Teixeira FC, Teixeira RTS, Broch C, Barbosa-Rinaldi IP. A Ginástica Para Todos na formação profissional em educação física: contribuições a partir da extensão universitária. *Corpoconsciência*. 2015;19(3):11-21.
- 42 Lopes P, Leal J, Valiengo A, Gonçalves E, Gomes N, Pessoa T. Ginástica para todos e literatura: realidade, possibilidades e criação. *Conexões*. 2015;13(especial):127-146.
- 43 Batista MS, Lopes P, Patricio TL, Henrique NR, Furtado LNR, Carbinatto MV. Ginástica Para Todos: questões sobre uma experiência de aprendizagem crítica. *Corpoconsciência*. 2020;24(1):194-204.
- 44 Caetano APF, Dodó AM, Honorato RC, Reis LN. Vivenciando ginástica: analisando as preferências gímnicas na disciplina ginástica geral do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará. *Conexões*. 2015;13(especial):197-210.
- 45 Carbinatto MV, Furtado LNR. Choreographic process in gymnastics for all. *Science of gymnastics journal*. 2019;11(3): 343-353.
- 46 Lopes P, Batista MS, Carbinatto MV. Ginástica para Todos e arte: diálogos possíveis na extensão universitária. VII Congresso de Ginástica Para Todos e Dança no Centro-Oeste; 2017 Nov 9-12 Goiânia, Brazil. Goiânia: ESEFFGO, 2017.
- 47 Sarôa GR, Ayoub E. A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores. *Conexões*. 2018;16(4):414-432.
- 48 Carvalho KMC, Zylberberg TP, Reis LN, Dodó AM, Pontes JAM. Ginástica Para Todos no Ceará: história da modalidade no estado. *Conexões*. 2016;14(4):2-24.
- 49 Ehrenberg MC, Miranda RCF. Cia Alfa de ginástica geral: para além da extensão universitária. In: Miranda RCF, Ehrenberg MC, Bratfische AS (org). *Temas emergentes em Ginástica Para Todos*. Várzea Paulista, SP: Fontoura; 2016. p. 49-75
- 50 Oliveira MF, Gomes LCN, Vieira NL, Braga TTM. Construindo uma ginástica para todos em Goiás: a proposta do grupo universitário CIGNUS. In: Oliveira MF, Toledo E, organizadoras. *Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção*. Anápolis: UEG; 2016. p. 119-140.
- 51 Paoliello E, Toledo E, Ayoub E, Bortoleto MAC, Graner L. Grupo Ginástico UNICAMP – 25 anos. Campinas: Editora da UNICAMP; 2014.
- 52 Roble OJ. A prática da ginástica: influência da cultura. V Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2010 Jul 1-4 Campinas, Brazil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.